

Sob o título *A presença italiana no Brasil*, foram reunidos vinte e cinco trabalhos de historiadores, geógrafos, antropólogos, arquitetos, enfim, de especialistas em diferentes ramos da cultura e que participaram em São Paulo de um Simpósio patrocinado pela Fondazione Giovanni Agnelli e pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

A especialização diversificada dos estudiosos explica ter sido o assunto dissecado sob os mais diferentes ângulos. A somatória das análises realizadas resulta numa visão panorâmica mas, sob diversos aspectos, profunda e original, do tema em questão.

Muito embora o enfoque maior tenha sido feito do século XIX até nossos dias, buscando as raízes mais remotas da presença italiana entre nós, foram tecidas considerações que abarcam um período muito mais amplo. Por exemplo, o registro da palavra Brasil em mapas italianos dos séculos XIV e XV; a presença de elementos peninsulares nas primeiras expedições que vieram ter às terras brasileiras e entre os religiosos que desde cedo marcaram sua atuação, sobretudo, nos campos educacional e da assistência social.

De resto, o imigrante italiano foi analisado de perto tanto na sua condição de assalariado na lavoura, quanto na de pequeno proprietário nos núcleos coloniais como, também, na de cidadão.

A preocupação dos autores de acompanhar o italiano antes mesmo da saída de sua terra natal, mostra a rede de esperanças, angústias e problemas que os envolveram mesmo naquela fase em que acreditavam na veracidade da afirmação de que a América era um "massolino di fiori".

A travessia do oceano que, durante anos, constituía-se numa verdadeira aventura dados os altos riscos a que ficavam submetidos os passageiros; as dificuldades naturais de estabelecimento em novas terras acrescidas pela desilusão de que foram tomados sobretudo em razão dos termos de uma propaganda não-realista, explica a multiplicidade de queixas feitas pelos imigrantes ao sistema de vigilância, à falta de liberdade, às multas e ao horário rígido a que eram submetidos com frequência.

Mesmo considerados pela sociedade receptora, por um bom número de anos, como o imigrante ideal – pois além de um bom trabalhador, correspondia aos anseios da política imigratória brasileira, isto é, eram brancos, europeus, latinos e católicos – também eles foram vítimas de uma série de restrições tanto por ocasião da campanha nacionalista do Estado Novo como, sobretudo, durante a Segunda Guerra Mundial, em razão da Itália estar atrelada aos países do Eixo.

Dentre as proibições a que ficaram submetidos, a do uso da língua materna, por exemplo, afetou profundamente o grupo, inclusive no que diz respeito às práticas religiosas, de vital importância entre eles.

A capela, instituição *sui-generis* dentro da Igreja, mas intimamente ligada à presença italiana entre nós como instituição mantenedora, inclusive, das tradições e da vida comunitária entre eles, mereceu um estudo especial. Aliás, a importância da religião para os italianos faz com que os relatórios das ordens e das congregações religiosas sejam apontados por um dos autores como fontes ricas de informações.

Embora a presença italiana seja uma realidade em praticamente todo o país, ela foi reestudada sobretudo em uma área de maior concentração, isto é, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Se muitos pontos em comum podem ser detectados, é preciso entretanto não esquecer que há importantes diferenças regionais e locais. No Rio Grande do Sul, por exemplo, embora os italianos tenham criado uma paisagem própria, na verdade, de forma alguma, ela é homogênea.

O perigo das generalizações, afóra a imprecisão, é a formação de estereótipos. Foi o que ocorreu com os italianos quando tidos por pobres ou miseráveis ao chegar, analfabetos em sua maioria e agricultores por excelência. A inexatidão desse perfil uma vez mais fica evidenciada nesta publicação dado o importante papel desempenhado por eles quer no campo das artes e das letras, como no do comércio, da indústria, da política, da religião e da ciência em geral.

Assim, lutando na Guerra dos Farrapos ou como missionário junto a grupos indígenas; trabalhando com afinco como fizeram os Eberle, para construir uma metalúrgica; como assalariado ou desenvolvendo sua aptidão artesanal; como intelectual, artista, anarquista ou simples trabalhador braçal, o fato é que este grupo alienígena tem contribuído, e muito, na construção do nosso país.

Infelizmente, como aliás acentua um dos autores, a dificuldade ou mesmo a impossibilidade está em recuperar toda uma "memória do pequeno empreendimento" dado o papel importante desempenhado por cada um, pois esta memória perde-se com muito mais facilidade.

O organizador dessa publicação, Luis A. de Boni – que foi coordenador do Simpósio em 1985 ao lado de Maria Thereza Schorer Petrone –, está de parabéns em abrir ao estudioso, com este volume, uma rica fonte de informações. Sem dúvida, *A presença italiana no Brasil* passa a ser de consulta obrigatória a todos os que se interessam pelo assunto. ARLINDA ROCHA NOGUEIRA

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988. 291 p.

Pouco se pode acrescentar sobre um livro como o *Trem fantasma* depois de tantos comentários publicados pela Imprensa e mais ainda por aqueles que estão surgindo em revistas especializadas. Fica difícil um outro enfoque, de qualquer ângulo que se escolha, depois do escrito de Maria Sylvia Carvalho Franco no *Leia* de fevereiro de 1988. Se arrisco esta tarefa é porque sei que estarei chegando a público diverso e somente num tempo distante, desta hora de impacto. Por isso mesmo, depois de ter andado com o fantasma do trem, durante longo tempo na cabeça, achei viável dialogar sobre o livro com pessoas interessadas, tentando nele encontrar subsídios para melhor entender a nossa vida social, econômica e política e poder resgatar, do séc. XIX, o que nele representava este meio de transporte. Ninguém pode duvidar do papel das ferrovias em todo o mundo e é muito difícil entender o plano secundário a que foram reduzidas no Brasil...